

Clique *Enter*

O relógio digital marcava as horas na parede sem fazer nenhum barulho. Do outro lado da sala, a televisão, ligada, preenchia o silêncio com seu som de lata e dava um colorido surreal ao ambiente. Sobre a mesinha baixa, de madeira descascada, migalhas de pão, uma fatia de pizza meio comida e muitos recortes de jornal. Manchetes misturadas e sobrepostas anunciavam o novo caso de amor da princesa, a queda das ações na bolsa, a guerra civil na Bósnia, a fome no nordeste do Brasil, o mais recente filme de Quentin Tarantino, as declarações em favor da paz do primeiro-ministro de Israel, os atentados terroristas em Paris, um *beagle* perdido, tudo, tudo. E nada. Nada daquilo impressionava. Mas só existia porque estava ali, naqueles pedaços de papel. E era isso que fazia aquelas coisas tolas e desimportantes terem o seu lugar no mundo. Eu também queria estar ali. Melhor: eu iria estar ali.

O projeto não era novo. Quando estudava na *high school*, os outros faziam amigos. Eu fazia projetos. Aquelas conversinhas sobre drogas, garotas, *football*... nada daquilo era realmente importante. Lembro-me bem do meu enfado. E não me lembro de ninguém que me interessasse mais do que meus planos. Aliás, um homem com objetivos realmente importantes não pode ser demovido deles. Os seus caminhos estão traçados pela sua vontade e nada, nem ninguém, pode ser obstáculo. Mas todos podem e devem ser convencidos disso. A revelação não se faz para qualquer um. E, note bem, eu não sou religioso. Sei do que estou falando.

Passei anos planejando o que fazer: o curso de eletrônica por correspondência, o diploma com louvor (fácil, ridiculamente fácil), o computador - primeiro na escola, depois o meu próprio. E todos os acessórios, dos mais simples, aos mais sofisticados. Periféricos em profusão. Sempre gostei dessas coisinhas eletrônicas. A realidade virtual é a minha realidade, e o meu silêncio tem o som dos *chips*.

Paremos com a poesia. Afinal, há trabalho para fazer. Muito trabalho. Os jornais todos do país já receberam o meu comunicado. Quero dizer, o segundo. O primeiro apenas os alertou para a seriedade dos meus propósitos. Agora, sabem quem eu sou. Virtualmente, é claro.

Andy Warhol errou. Terei mais do que quinze minutos (ou eram cinco? De qualquer modo, terei mais).

Só tem uma coisa que me incomoda. Aliás, duas. Quando eu escrevi o meu primeiro comunicado, eu realmente esperava a estupefação silenciosa deles todos. Mas já era tempo de eu estar nas manchetes. Aquelas bombas todas... Meu monitor mostrou o número crescente de mortos, os dados computados continuamente. Dei um tempo enorme para que eles assimilassem, em suas mentes lamentavelmente simples e lentas, todas as informações, as processassem, salvassem e transmitissem em *net* para todo o mundo. Mas as manchetes continuam com suas temáticas esquálidas. Os dados estão todos aqui, em meu computador pessoal, em infinitos *bytes*. O que eles estão esperando? Pensando bem, talvez eu devesse ter escrito para eles comunicados convencionais. Jornais dão valor a papel. As TVs, porém, deveriam estar mais avançadas.

O meu outro incômodo diz respeito às cores na minha tela. Preciso ajustá-las melhor. Está ficando difícil distinguir entre o sangue e as poças de lama formatadas no *layout* do último atentado.